

[MÔNICA MOURA]

Realizou estudos de pós-doutorado junto ao Departamento de Artes & Design e PPG em Design da PUC-Rio. É doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professora do Departamento de Design, pesquisadora, professora credenciada e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Design da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da FAAC, Unesp – Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –, Câmpus de Bauru. Coordena o Grupo de Pesquisa Design Contemporâneo: sistemas, objetos e cultura. Atua nas linhas de pesquisa em Planejamento de Produto e Teoria e Crítica do Design. Desenvolve pesquisas sobre o design contemporâneo, sendo autora de vários textos sobre o tema. Presidente da Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI. Membro de associações, comitês científicos e do corpo editorial de publicações acadêmicas das áreas de design e de moda.

E-mail: monicamoura.design@gmail.com

Atualidades da pesquisa em design e moda no Brasil

[24] O 1º Congresso Internacional de Moda e Design – CIMODE –, resultado de uma ação conjunta entre a Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda – ABEPem, Brasil, e da Universidade do Minho (UMinho), Portugal, marcou o ano de 2012 como um evento muito significativo para as áreas de moda e de design. O contato entre as duas instituições, somado e potencializado pelo trabalho e empenho das professoras Ana Cristina Broega e Joana Cunha, respectivamente, presidente e vice-presidente do evento, e das professoras Kathia Castilho e Dorotéia Baduy Pires, presidente e vice-presidente da ABEPem, tornou possível a realização do Congresso, realizado na cidade de Guimarães, em Portugal, na Universidade do Minho.

Nesse evento científico, entre outras atividades, foi realizada a mesa redonda coordenada pela Profa. Dra. Kathia Castilho¹, com o tema *Reflexões e contribuições para o ensino e pesquisas em moda e design*. Também participaram os professores e pesquisadores: Dra. Alessandra Vaccari,² Ms. Dorotéia Baduy Pires,³ Dr. Fernando Moreira da Silva⁴ e Dra. Maria da Graça Guedes⁵. Tive a honra de ser convidada e o prazer de participar desse debate ao lado de colegas tão importantes. A minha participação dizia respeito a apresentar algumas questões sobre a pesquisa em design e moda no Brasil. Este artigo apresenta alguns dados e reflexões nesse sentido, porém, a proposta de discorrer sobre a área científica do design e da moda no Brasil não tem a pretensão de esgotar o assunto, devido à complexidade, dinâmica e amplitude do tema em questão.

Pesquisa como reflexo da diversidade cultural brasileira

Antes de tudo, é importante destacar que a pesquisa em design no Brasil atua perante a diversidade que é retratada por meio da integração e das relações estabelecidas entre design, tecnologia, inovação, experimentação e multiplicidade. Para ilustrar esta questão, tomo como exemplo a Cadeira Multidão criada e produzida pelo estúdio dos Irmãos Campana, a partir das bonecas de pano desenvolvidas e confeccionadas pelas artesãs do município de Esperança, localizado na Paraíba, Estado de João Pessoa, nordeste brasileiro.

A Cadeira Multidão simboliza e demonstra as relações atuais do design brasileiro, ao somar a relação artesanato e design e também a tradição aos aspectos da inovação, da tecnologia e da diversidade. Afinal, para viabilizar o artesanal nesta cadeira foi empregada a tecnologia na condensação das peças e no acondicionamento com a estrutura em metal. Realidade explorada e aceita no campo do design brasileiro nos últimos vinte anos. Fato impossível de ser pensado e aceito como objeto pertencente ao campo do design em um passado recente, não muito mais que há trinta anos, es-

pecialmente pela tradição formalista com a qual os primeiros cursos de Design foram criados. Acreditamos que os estudos e pesquisas desenvolvidos no país auxiliaram a criar esta abertura de pensamento e atitude, por meio da observação, análises e reflexões produzidas a partir do conhecimento desenvolvido a respeito da cultura brasileira e dos objetos desenvolvidos pelos designers brasileiros. Afinal, como diz o designer e professor da Universidade de Illinois, Chicago, Victor Margolin (2000), o design está sempre ao nosso redor, está em tudo!



Figura 1: Cadeira Multidão | Design: Irmãos Campana, 2002 | Produção: Estúdio Campana®

Diversidade, inter-relações e segmentos do design

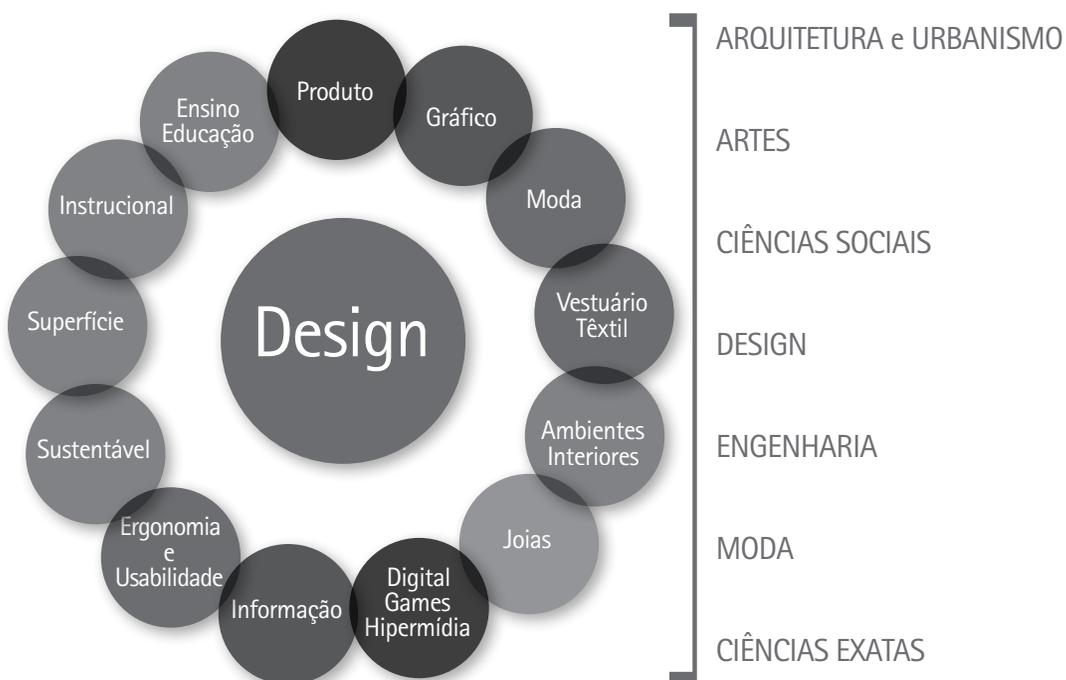


Figura 2: Diagrama que representa alguns segmentos da área do design e a relação destes com outras ciências e campos de conhecimento | 2013 | Fonte da autora

A diversidade cultural implica a diversidade no campo do design, que, a cada dia, torna-se um campo mais complexo, pois lida com as inter-relações entre os segmentos de sua área, construindo relações interdisciplinares e apontando as possibilidades transdisciplinares, a partir de sua relação com outras ciências e com outros campos de conhecimento, tal como podemos observar no diagrama anterior.

Os mesmos aspectos, encontramos na área de moda, e é importante observar que no diagrama a moda aparece tanto em sua relação direta como segmento do campo do design, o design de moda, como aparece como campo de conhecimento. Afinal, sabemos que nem tudo que diz respeito a moda é design, pois essa área estabelece relações com a engenharia, a economia, a administração, entre outras. A recíproca é verdadeira quando nos referimos ao campo do design.

O fato de o design estar ao nosso redor e em tudo com o que nos relacionamos exige e intensifica a necessidade da pesquisa e do desenvolvimento do conhecimento científico a esse respeito. Especialmente em uma área que, tradicionalmente, ficou por muito tempo vinculada às questões técnicas da prática profissional.

Aloísio Magalhães, um dos precursores do design brasileiro, teve intensa atuação profissional e política. Colaborou com a implantação da Esdi – Escola Superior de Desenho Industrial –, fundou um dos primeiros escritórios de design no Brasil, no Rio de Janeiro – o PVDI – e atuou politicamente junto ao Ministério da Educação e Cultura e ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. No discurso que proferiu em comemoração aos quinze anos da Esdi, questionava: o que o desenho industrial pode fazer pelo país? A resposta vem da união de vozes consonantes e dissonantes, resultantes de ricas discussões que indicam a revisão da atividade para as esferas interdisciplinares e transdisciplinares; configurando um crescimento verdadeiro que integra saberes da ciência, da tecnologia e de várias ciências, onde se tem aceito e, de certa forma, respeitado a diversidade de saberes e de situações, bem como pela diluição de fronteiras característica de um campo plural e complexo, e tudo isso amparado, apontado e disseminado pelas reflexões, discussões e revelações que só a pesquisa científica traz no caminho da constituição de novos saberes, na construção do conhecimento e na amplitude da epistemologia.

Isso tudo se reflete no papel e na atuação dos profissionais de design nos dias atuais. Afinal, o designer, em qualquer área ou segmento de sua atuação, é um tradutor de signos que relaciona e propõe novas linguagens.

Primórdios do desenvolvimento da pesquisa em design no Brasil

O design brasileiro vem atravessando um período muito frutífero, com grande desenvolvimento e ampliação do campo, desde a década de 1990, quando ocorreu a disseminação e a valorização da profissão, o crescimento da oferta de cursos de formação na área e uma divulgação mais intensa realizada pela mídia. Conseqüentemente, foram instituídos ou revigorados reuniões científicas, eventos, exposições, concursos, premiações, publicações periódicas, editoras especializadas, associações de segmentos profissionais ou científicas e os programas de pós-graduação em design no país. A união de todos esses fatores abriu horizontes para a diluição de fronteiras entre áreas do conhecimento no rumo da conscientização interdisciplinar. Também ocorreu a ampliação do número de profissionais atuantes e o contingente de pessoas em formação para atuação na área. A soma de novos pensamentos e atitudes mediante a prática profissional e a prática científica abriu novos caminhos que levaram à experimentação de novos processos e métodos empregados, bem como a novos sistemas de comercialização, de comunicação e divulgação, de formação e aperfeiçoamento, resultando na consolidação da área.

Todos estes fatores foram pautados pela implantação das escolas de design no Brasil. A primeira escola de ensino formal de design na América Latina foi a Esdi, fundada em 1962 e instalada em 1963, no Estado do Rio de Janeiro, junto à Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Destinada à formação superior em design, a escola abriu caminho para a abertura e implantação de outras escolas com seus cursos superiores na área de design, o que aconteceu no início dos anos 1990, na maioria dos estados brasileiros, tanto em faculdades e universidades públicas e confessionais quanto as privadas, disseminando a formação neste campo de conhecimento.

A abertura e implantação das escolas gerou a necessidade de qualificação dos profissionais que passaram a atuar nelas como docentes. Esses profissionais que assumiam a docência formavam um grupo heterogêneo composto por profissionais atuantes na

área de design e em áreas correlatas, com experiência da prática do campo. Com o tempo, esse grupo também passou a ser integrado por estudiosos e professores da área de ciências humanas e das ciências exatas, entre outras. Portanto, muitos desses professores não tinham experiência na atuação docente. E ser professor não se aprende apenas com a prática em sala de aula, é necessário que as questões didáticas, pedagógicas e de pesquisa sejam exploradas e amplificadas. É necessário o desenvolvimento do potencial do professor enquanto pesquisador, pois ensinar exige pesquisa e pesquisa exige ensino. A ação pedagógica e a ação epistemológica são indissociáveis. Sobre o educador, dizia Paulo Freire (1996, p. 32): "Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador."

O designer e professor Sidney Freitas (1999), em sua tese de doutorado, discute a relação ensino/pesquisa em design e afirma que a atividade de pesquisa é a grande promotora de autonomia e senso crítico.

A formação do pensamento crítico somada às questões do experimento e da inovação, o saber olhar o presente e relacionar o passado para projetar o futuro, compõem a base fundamental que é a pesquisa.

Mas o que é mesmo a pesquisa?

É fundamental falar sobre a pesquisa. E, mais ainda, falar sobre a pesquisa em design. Mas, para isso, não podemos deixar de lembrar de um grupo de pessoas que tanto batalhou para que a pesquisa em design fosse implantada, desenvolvida e respeitada nesse país. Fato que ocorreu por meio de várias ações, mas, especialmente, pela ação propulsora e generosa dos primeiros pesquisadores em design no país. Foram eles os responsáveis por inaugurar e abrir os caminhos, mas, principalmente, por incentivar e partilhar junto aos novos e jovens pesquisadores, indicando espaços e ações para o fortalecimento e ampliação da pesquisa em design. E aqui seguem nossos agradecimentos e nossa homenagem a estes professores e pesquisadores: Anamaria de Moraes (*in memoriam*), Gustavo Amarante Bomfim (*in memoriam*), Guilherme da Cunha Lima, Rita Couto, José Carlos Plácido, entre outros, que partilharam suas energias, seu conhecimento, sua atuação política e ética entre órgãos, conselhos, instituições, eventos, editoras e publicações, incentivando as pessoas interessadas no fortalecimento e ampliação do campo do design por meio da pesquisa. O fato tornou-se realidade e, por ser realidade, sabemos quanto é preciso e quão grande é a importância de avançar nessa caminhada.

Muito se fala em pesquisa, mas a palavra abarca diferentes frentes. Existem vários tipos de pesquisa, mas vamos nos ater à pesquisa científica, aquela relacionada com a produção de conhecimento e com a qual se faz ciência.

A pesquisa científica nos leva a buscar e procurar informações, e constrói indagações, levando ao aprofundamento de uma questão ou tema. É a busca com investigação movida pela curiosidade, pela necessidade da descoberta e pela possibilidade de invenção. Caminhamos impulsionados pela descoberta daquilo que nos incomoda e nos questiona, tanto no nascimento de perguntas quanto na investigação e na procura de respostas no processo de investigação, perante as possibilidades que se descortinam e nos mostram as várias vertentes de um caminho. Procuramos aquilo que não existe e que virá a ter existência após o processo de pesquisa, geralmente na finalização da mesma.

Portanto, o que nos move para a pesquisa é a busca, a curiosidade, a indagação, a dúvida, a descoberta de algo. E, para descobrir, investigamos, vasculhamos, ouvimos outras vozes e outros pensamentos em um processo de estudo que leva ao conhecimento. Mas o conhecimento não aparece de forma pura e simples, ele vai sendo construído aos poucos e somado ao tempo, resulta em aprofundamento a respeito de determinada coisa, determinada causa que nos impulsiona. Sim, é uma causa no sentido de fazer com que algo venha a existir e a determinar um acontecimento, uma ação. E nesse exercício, vamos desenvolvendo e ampliando o pensamento reflexivo e crítico. "A pesquisa diz respeito à vida e à necessidade de produção de autonomia e memória para garantir um mínimo de qualidade, sem a qual não há possibilidade de permanência neste, nem em qualquer outro mundo" (GREINER, 2005, p. 16).

Devemos lembrar que, ao atuar com pesquisa, elegemos muitas teses no decorrer da atividade, movidos pela necessidade e pelo desejo de saber o que se ignora. E assim, percebemos, olhamos e interpretamos o mundo à nossa volta para gerar novas relações, questões e propostas para dar sentido à vida do homem, dos objetos, espaços e meios que o rodeiam.

Entre a pesquisa e a invenção, tomamos partido, exercemos a política, nos posicionamos, estabelecemos trocas com outros autores, com outras experiências e vivências, estudamos e dialogamos com o objeto de pesquisa.

A pesquisa compreende o objeto e formula um discurso a respeito deste. É uma valorização da *práxis* (na relação teoria e ação). Um problema se coloca diante de nós, e sua essência é a necessidade. Afinal, problema é diferente de questão, e também é diferente de mistério. O fundamento do problema é a necessidade que se apresenta quando eu ignoro alguma coisa que eu preciso saber e sou aguçado pela curiosidade e movido pelos questionamentos. Estou, então, diante de um problema. O desejo de saber é o que move. É uma necessidade que se impõe objetivamente e é assumida subjetivamente.

Mas não basta desenvolver teses, construir pesquisas, se estas ficarem restritas aos nossos arquivos pessoais. Temos que dar voz aos pensamentos e reflexões contidos em uma pesquisa, não apenas a voz do autor, mas as outras, com as quais esse autor dialoga e discute. Disseminar, divulgar a pesquisa nos meios disponíveis implica que outros pensamentos e vozes poderão fazer eco à questão abordada e as questões germinadas poderão se emaranhar ou se expandir exponencialmente, gerando outras hipóteses, outros problemas, outras concepções, outros objetos, outras pesquisas.

O caminho da consolidação da pesquisa em design e moda no Brasil

Após a estruturação das escolas de formação em design, com seus cursos superiores, ocorreu a necessidade de qualificação dos docentes atuantes nesses cursos, como já dissemos anteriormente. Muitos deles foram se qualificar por meio da realização de cursos de mestrado e doutorado em áreas correlatas ao design: comunicação, educação, engenharia, artes, semiótica, entre outras. Alguns foram se qualificar no exterior, em universidades inglesas, italianas, americanas. Esse contingente de professores pesquisadores demandou a organização de cursos de pós-graduação em design no Brasil. Entre estes, os pioneiros foram o mestrado acadêmico em Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 1994, e o mestrado acadêmico em Design da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), no Câmpus de Bauru, em São Paulo, iniciado em 1995, com autorização obtida no ano de 1999. Esses dois cursos de pós-graduação, após a formação de contingente crítico, obtiveram o credenciamento para implantar os primeiros cursos de doutorado em design no Brasil, formando, assim, seus programas de pós-graduação. Atualmente, são esses programas que receberam a melhor avaliação da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –, nota 5.

Muitos dos professores e pesquisadores atuantes desses dois programas de pós-graduação pioneiros incentivaram e estimularam colegas de outras universidades a desenvolver cursos de mestrado acadêmico na área do design, visando o fortalecimento da pesquisa em design no Brasil.

A partir dos anos 2000, outras universidades e grupos de professores pesquisadores somaram esforços para a implantação de cursos de mestrado em design, resultando em vários cursos de pós-graduação *stricto sensu* em diferentes estados brasileiros.

Após as tentativas abortadas de um curso de mestrado acadêmico em design e também um de moda no Senac de São Paulo, foi a Universidade de São Paulo (USP), na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), a única universidade a implantar um curso de mestrado acadêmico em Têxtil e Moda. No restante do país, até o momento, não temos outros cursos de mestrado acadêmico ou profissional específicos na área de moda, fato que parece um contrassenso, pois a área tem apresentado um crescimento exponencial, em todos os sentidos.

Demonstrativos da pesquisa científica em design e moda no Brasil

Para estabelecer um panorama demonstrativo da pesquisa em design e moda no Brasil vamos apresentar como se encontram os cursos de pós-graduação, os eventos científicos da área, os grupos de pesquisa em design e os periódicos científicos. São esses dados que nos permitem observar um crescimento significativo nos últimos 20 anos, uma vez que em 1994 só tínhamos um curso de mestrado e um evento científico na área de Design.

Os cursos e programas de pós-graduação em design no Brasil pertencem à grande área de Ciências Sociais Aplicadas, e a área de avaliação é em Arquitetura e Urbanismo, da qual faz parte a de Desenho Industrial (Design). Os programas e cursos de pós-graduação são avaliados, recomendados e reconhecidos pela Capes. A nota mínima para aprovação de um curso de mestrado acadêmico ou de mestrado profissional é 3, sendo que para obter a recomendação de um doutorado é necessário atingir a nota 4 na proposta do curso em questão. Esse sistema de notas pode atingir 7 pontos, quando é demonstrado o nível máximo de excelência e de internacionalização de um programa de pós-graduação.

Considerando o ano de 2013, temos hoje no Brasil 24 cursos de pós-graduação em Design, sendo 8 programas de pós-graduação (mestrado e doutorado), 13 cursos de mestrado acadêmico e 3 cursos de mestrado profissional. Apesar do uso comum da denominação programas de pós-graduação, esta se aplica ao conjunto de mestrado e doutorado em uma determinada área oferecida por uma universidade.

GRANDE ÁREA: CIÊNCIAS APLICADAS ÁREA: DESENHO INDUSTRIAL

PROGRAMA	IES	UF	NOTA		
			M	D	F
DESENHO INDUSTRIAL	UNESP/BAURU	SP	5	5	-
DESIGN	UFMA	MA	3	-	-
DESIGN	UEMG	MG	3	-	-
DESIGN	UFPE	PE	4	4	-
DESIGN	UFPR	PR	4	4	-
DESIGN	UERJ	RJ	4	4	-
DESIGN	PUC-RIO	RJ	5	5	-
DESIGN	UFRN	RN	-	-	3
DESIGN	UFRGS	RS	4	4	-
DESIGN	UNISINOS	RS	3	-	-
DESIGN	UNIRITTER	RS	3	-	-
DESIGN	UDESC	SC	3	-	-
DESIGN	UNIVILLE	SC	-	-	3
DESIGN	UAM	SP	4	4	-
DESIGN E EXPRESSÃO GRÁFICA	UFSC	SC	3	4	-
ERGONOMIA	UFPE	PE	-	-	3

[29]

LEGENDA: M = MESTRADO ACADÊMICO | D = DOUTORADO | F = MESTRADO PROFISSIONAL | * NOTA AVALIAÇÃO TRIENAL 2007

Figura 3: Tabela que apresenta a relação dos cursos de pós-graduação em Design recomendados e reconhecidos pela Capes | 2013 | Fonte: Capes⁷

Os programas e cursos de pós-graduação estão distribuídos pelo país da seguinte forma: na Região Sudeste, temos quatro programas de pós-graduação em Design, sendo dois em São Paulo (Unesp e UAM), dois no Rio de Janeiro (PUC-Rio e Esdi) e um mestrado acadêmico em Design em Minas Gerais (UFMG).

Na Região Sul, temos 3 programas de pós-graduação em Design, assim distribuídos: 1 no Paraná (UFPR), 1 em Santa Catarina (UFSC) e 1 no Rio Grande do Sul (UFRGS). Também nesta região há 3 mestrados acadêmicos em Design, sendo 2 no Rio Grande do Sul (Unisinos e UniRitter) e 1 em Santa Catarina (Udesc). Esse estado conta ainda com 1 mestrado profissional (Univille).

Na Região Nordeste, temos 1 programa de pós-graduação em Design em Pernambuco (UFPE), onde há também 1 mestrado profissional (UFPE). Ainda na Região Nordeste há 1 curso de mestrado acadêmico no Maranhão (UFMA) e 1 curso de mestrado profissional no Rio Grande do Norte (UFRN).

Podemos observar que ocorre uma concentração, com maior número de programas e cursos de pós-graduação em Design sendo oferecidos na Região Sul, em seguida temos a Região Sudeste e depois a Nordeste. As Regiões Norte e Centro-Oeste ainda não contam com nenhum curso de pós-graduação, mestrado acadêmico ou profissional em design, mas acreditamos que essa realidade logo mudará.

Ao observarmos os números de programas e cursos de pós-graduação em design no país podemos considerá-los muito relevantes e significativos, pois esses números representam um grande esforço, muito trabalho e dedicação de um grande grupo de pessoas conscientes da importância da pesquisa e da produção científica. Mas, se compararmos esses números com o total de programas e cursos de pós-graduação no Brasil que hoje atinge a quantidade de 5.328 cursos de pós-graduação no país, percebemos que estamos ainda no início de uma longa jornada.

Há de se destacar que os cursos e programas de pós-graduação qualificam e formam recursos humanos de alto nível, sendo propulsores do desenvolvimento brasileiro, do avanço da produção científica nacional, possibilitando ao país participar da geração sistematizada de conhecimentos em termos mundiais.

[30]

REGIÃO	PROGRAMAS E CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO					TOTAL DE CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO			
	TOTAL	M	D	F	M/D	TOTAL	M	D	F
CENTRO-OESTE	291	135	6	33	117	408	252	123	33
NORDESTE	696	338	17	88	253	949	591	270	88
NORTE	188	100	5	29	54	242	154	59	29
SUDESTE	1.633	407	24	253	979	2.642	1.386	1.003	253
SUL	729	268	6	97	358	1.087	626	364	97
BRASIL	3.567	1.248	58	500	1.761	5.328	3.009	1.819	500

DATA ATUALIZAÇÃO: 27/03/2013

LEGENDA: M = MESTRADO ACADÊMICO | D = DOUTORADO | F = MESTRADO PROFISSIONAL | M/D = MESTRADO ACADÊMICO/DOUTORADO

Figura 4: Tabela que apresenta a quantidade de cursos de e programas de pós-graduação no Brasil | 2013
Fonte: Capes⁸

Grupos de pesquisa em design e em moda registrados no CNPq

Antes de apontarmos as informações relativas aos grupos de pesquisa é importante destacar algumas questões relacionadas à pesquisa em moda. Pois, quando falamos em moda lidamos com o preconceito devido à efemeridade presente na área, fato que leva muitas pessoas a pensar e afirmar que esta não produz pesquisa.

Há que se lembrar que as pesquisas em moda iniciaram no Brasil em 1926 (BONADIO, 2010), e recentemente alguns estudos tem sido desenvolvidos a esse respeito. Entre eles, o de Andrade Neto *et alli* (2012), que tomamos como referência neste artigo. Esse estudo indica, a partir da análise de duas reuniões científicas em design e investigações bibliométricas, que foram desenvolvidas no Brasil, até o ano de 2011, 671 dissertações e teses sobre moda no Brasil, sendo 91 delas na área de design, 144 na área de administração e o restante em áreas correlatas.

Portanto, nos parece evidente que a produção desenvolvida nesta área desembocasse a partir dos anos de 2000 nos resultados que veremos a seguir.

Desde o ano de 1992, o CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – mantém o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, uma base de dados que contém informações sobre os grupos de pesquisa em atividade no país e realiza censos bianuais, que ajudam a verificar o comportamento a respeito do envolvimento com a pesquisa nas áreas de conhecimento.⁹

Os grupos de pesquisa que constam nessa base são provenientes de universidades, instituições isoladas de ensino superior, institutos de pesquisa científica, institutos tecnológicos e laboratórios de pesquisa e desenvolvimento de empresas estatais ou ex-estatais, não incluindo empresas do setor produtivo.

Em 2010, último censo disponível, havia 115 grupos de pesquisa em design; 2 grupos em desenho industrial e 16 grupos de pesquisa em moda. Hoje, no ano de 2013, temos no país 446 grupos de pesquisa em design, 22 em desenho industrial e 51 em moda, o que representa crescimentos significativos que variam de 318,75% a 1100%. Sinal de que as pessoas estão buscando formas de se qualificar, se envolvendo em grupos e estabelecendo diálogos com outros pesquisadores e até com outras instituições. O resultado se reflete no crescimento da produção científica e da geração de conhecimento nessas áreas, além de pautar o que veremos a seguir: a ampliação e o fortalecimento de reuniões e periódicos científicos.

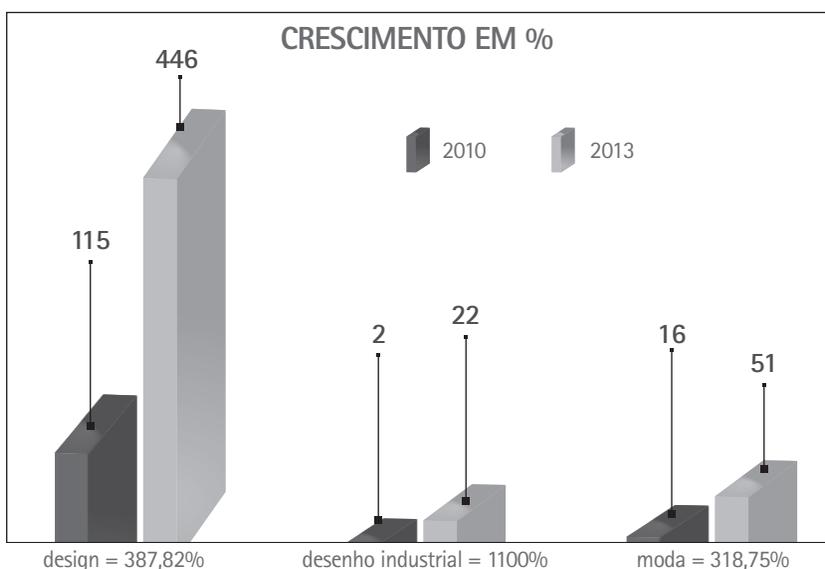


Figura 5: Gráfico que apresenta os índices percentuais de crescimento dos grupos de pesquisa em design e moda no Brasil | 2013 | Fonte da autora

Eventos científicos nas áreas de design e de moda

Outro aspecto que representa o crescimento e fortalecimento da pesquisa em design e em moda no Brasil são os eventos de caráter científico. Tomamos aqui como exemplo os eventos que atendem às normas de uma reunião científica, isto é, contam com comitês organizadores e científicos compostos por doutores na área e em áreas correlatas, têm avaliação e seleção de artigos realizados no mínimo por um par de pareceristas, contam com conferencistas nacionais e internacionais, várias atividades no evento, tais como para apresentações orais, mesas redonda, palestras, entre outros, e apresentam regularidade ininterrupta.

No Brasil, tivemos no ano de 1994 a inauguração do primeiro congresso na área de design, a primeira edição do Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design – P&D Design. Trata-se de um evento bianual, cuja última edição foi realizada no ano de 2012 na cidade de São Luís, Maranhão, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), e a próxima edição, em 2014, será na cidade de Porto Alegre sob a organização da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da Unisinos e da UniRitter.

A partir de 2002, foi organizado o Congresso Internacional de Pesquisa em Design – Ciped – que realizou sua última edição em 2011, em Lisboa, Portugal, organizado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa (FAUTL) e o Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD). Ainda não há previsão para a realização da próxima edição deste evento.

No ano de 2003, ocorreu a primeira edição do Congresso Internacional de Design da Informação – CIDI –, evento concomitante ao Congresso Brasileiro de Design da Informação – InfoDesign Brasil – e ao Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação – CONGIC –, ambos bianuais. A próxima edição desse evento ocorrerá em 2013, em Recife, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Foi no ano de 2005 que se realizou a primeira edição do Colóquio de Moda, evento anual que foi nacional até a quarta edição, e a partir do ano de 2008, na quinta, passou a ser também internacional. A próxima edição desse evento será sediada na cidade de Fortaleza, sob a organização da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Faculdade Católica do Ceará.

Em 2007, foi inaugurado o evento bianual denominado Simpósio Brasileiro de Design Sustentável – SBDS –, que ocorre concomitante ao International Symposium on Sustainable Design – ISSD. A próxima edição deste, em 2013, ocorrerá na cidade de Porto Alegre, sob a organização da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da Unisinos e da UniRitter.

Como dissemos, em 2012, aconteceu o primeiro CIMODE. A próxima edição, em 2014, será realizada em Milão, Itália, sob organização do Instituto Politécnico de Milão e da ABEPEM.

[32]

CONGRESSOS CIENTÍFICOS – DESIGN MODA		
INÍCIO	EVENTO	EDIÇÃO ANO
1994	Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design – P&D	10ª 2012 11ª 2014
2002	Congresso Internacional de Pesquisa em Design – CIPED	6ª 2011 Sem previsão de data e local
2003	Congresso Internacional da Informação + Congresso Brasileiro de Design da Informação + Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação	5ª 2011 6ª 2013
2005 2008	Colóquio de Moda Congresso Internacional	9ª 2013 6ª 2013
2007	Simpósio Brasileiro de Design Sustentável + International Symposium on Sustainable Design	3ª 2011 4ª 2013
2012	Congresso Internacional de Design e Moda – CIMODE	2ª 2014

Figura 6: Tabela que demonstra os principais eventos científicos nas áreas do design e da moda | 2013
Fonte da autora

Como pudemos observar no texto e na tabela anterior, esses eventos demonstram o fortalecimento da pesquisa científica e da crescente produção de conhecimento realizada pelos participantes e envolvidos nas áreas de design e de moda.

Periódicos científicos nas áreas de design e moda

Um periódico científico é uma publicação acadêmica no formato de revista, que pode ser impressa ou digital (*on-line*), e, destina-se a promover e registrar o progresso da ciência e da produção científica, divulgando novas pesquisas, teses, dissertações e resenhas, entre outras possibilidades.

O sistema de seleção para publicação em um periódico científico conta com avaliações de consultores *ad hoc* ou pareceristas, no mínimo em pares, visando a qualidade, a validade científica e, muitas vezes, o ineditismo das publicações de artigos a serem realizadas. A principal proposta é disseminar o conhecimento científico, bem como possibilitar que outros pesquisadores entrem em contato com pesquisas e procedimentos que possam vir a ser aplicados em outras situações e realidades de estudo e pesquisa.

No Brasil, o periódico mais antigo que temos na área de design é a *Estudos em Design*, com uma trajetória que soma 19 anos. Foi o primeiro periódico científico da área e mantém seu *status* da revista mais bem conceituada em design na Capes, até hoje.

A Capes mantém o Qualis que engloba um conjunto de procedimentos para a estratificação da qualidade da produção intelectual realizada a partir dos programas de pós-graduação brasileiros. As informações para esse sistema de avaliação provêm das informações do documento denominado Coleta de Dados, um relatório anual que os cursos e programas de pós-graduação apresentam anualmente e gera avaliações trienais.

Os resultados obtidos por meio do Coleta são apresentados em uma lista com a classificação dos periódicos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da produção científica. "A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por processo anual de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade – A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; e C com peso zero".¹⁰

Dessa forma, um mesmo periódico pode ser classificado em duas ou mais áreas diferentes e obter classificações também diferentes.

Atualmente, os periódicos que atendem as áreas de design e de moda encontram-se assim distribuídos: design; design e arquitetura; moda; moda e design; e áreas correlatas, como comunicação e engenharia. Os valores, estratos relacionados a esses periódicos, não estão aqui citados; essa informação pode ser adquirida no WebQualis¹¹.

Na área do design, temos a *Revista Estudos em Design* (AEnD-BR); a *Educação Gráfica* (Unesp); a *InfoDesign* (SBDI); a *Arcos Design* (Esdi); e o *Strategic Design Research Journal* (Unisinos). Estamos considerando apenas os periódicos brasileiros, mesmo que sua nomenclatura seja em língua estrangeira. Um ponto importante para o pesquisador verificar, antes de submeter seu artigo à avaliação de um periódico, é a periodicidade do mesmo, pois a falta de continuidade e de periodicidade em uma publicação científica implica menores pontuações na classificação da mesma.

Na área de moda, temos os periódicos eletrônicos *Iara: Revista de Moda, Cultura e Arte e Modapalavra*.

Por sua vez, a área de design conta com o periódico científico que o leitor está lendo neste momento, a revista *dObra[s]*.

Nas áreas correlatas, temos, na área de comunicação, a *Galáxia* (PUC-SP); na área de design e arquitetura, a *Revista Designio* (FAU-USP), e na área de engenharia, a revista *Produto & Produção* (UFRGS).

Assim, temos cinco periódicos na área do design; dois periódicos na área de moda; um periódico que inter-relaciona as áreas de moda e de design. Nas áreas correlatas de comunicação, engenharia e arquitetura, contamos com um título em cada um dos segmentos.

Apesar de, por um lado, ter ocorrido crescimento na oferta de periódicos, grupos de pesquisa e eventos científicos brasileiros, muitos periódicos não conseguem manter a periodicidade das publicações devido à falta de submissões de artigos científicos. Parece-nos que as pessoas ainda preferem publicar apenas em anais de eventos científicos e se esquecem da importância e da disseminação propiciada por uma revista científica.

Para terminar, tomo como referência o designer Bernd Löbach (2001), que defende em seus textos a necessidade de formação do teórico em design, pois são o pensamento e a postura crítica que permite refletir sobre os problemas do design, a importância social do design e do designer, a elaboração de teorias destinadas à melhoria da prática, a facilidade de aplicação e a compreensão da complexidade que se afigura nesse campo, a análise dos produtos e sistemas resultantes do design, o desenvolvimento de métodos de planejamento, a criação das argumentações teóricas a respeito do campo e das atividades do designer, a reflexão das possibilidades e consequências do campo do design, e acrescentar conhecimentos para o avanço dessa área.

Em suma, a necessidade da formação do pesquisador em design e em moda possibilita o fortalecimento e a criação de bases sólidas que visam um futuro melhor para a sociedade por meio da ação de pesquisa nesses campos. Só assim poderemos extrapolar fronteiras entre campos de conhecimento e entre espaços nacionais e internacionais, desfazer preconceitos estabelecidos e demonstrar que os objetos e o conhecimento científico dessas áreas demonstram quanto elas são fundamentais na construção do conhecimento, na vida e na cultura contemporânea.

[34]

Considerações finais

Como pudemos ver, a formação qualificada e a pesquisa científica são campos abertos para a experimentação e a inovação. O país precisa de mentes capazes de pensar e elaborar novos processos que visem a melhoria da qualidade de vida das pessoas, do ambiente, das relações e dos objetos – fato que só se tornará realidade se desenvolvermos a capacidade criadora por meio da ação no pensamento reflexivo e crítico que a pesquisa científica nos possibilita. Devemos aproveitar esse campo aberto para gerar e produzir conhecimentos, e isso só será possível se estudarmos e pesquisarmos mais, se publicarmos mais, se organizarmos mais grupos de pesquisa atuantes que gerem linhas de pesquisa e programas de pós-graduação, para que possamos estabelecer diálogos mais ricos e profundos no caminho da construção do conhecimento e da ciência.

NOTAS

^[1] Fundadora e presidente da ABEPEM, responsável pelo Colóquio de Moda e pelo Fórum das Escolas de Moda, entre outros eventos. Coordenadora do grupo de pesquisa em Moda, Consumo e Cidade do Centro de Pesquisas Sociossemióticas da PUC-SP, vice-diretora do grupo de pesquisa ETHOS, COS-UFRJ e diretora da Estação das Letras e Cores.

^[2] Docente do Departamento de Cultura do Projeto da Universidade IUAV de Veneza, Itália.

^[3] Docente do curso de graduação em Design da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, diretora do Projeto Milano e vice-presidente da ABEPEM.

^[4] Docente da Faculdade de Arquitetura, coordenador do curso de mestrado em Design de Comunicação, diretor do curso de doutoramento em Design; presidente do Centro de Investigação de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Técnica de Lisboa, Portugal.

^[5] Docente da Universidade do Minho, em Guimarães, Portugal, e diretora dos cursos de licenciatura em Design e Marketing de Moda e do mestrado em Design de Comunicação de Moda.

^[6] Disponível em: <http://campanas.com.br/home_br.html>. Acesso em: 8 mar. 2013.

^[7] Disponível em: <<http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarles&codigoArea=61200000&descricaoArea=C1%CANCIAS+SOCIAIS+APLICADAS&descricaoAreaConhecimento=DESENHO+INDUSTRIAL&descricaoAreaAvaliacao=ARQUITETURA+E+URBANISMO>>. Acesso em: 6 abr. 2013.

^[8] Disponível em: <<http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarRegiao>>. Acesso em: 6 abr. 2013.

^[9] Disponível em: <<http://www.cnpq.br>>. Acesso em: 8 abr. 2013.

^[10] Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/qualis>>. Acesso em: 7 abr. 2013.

^[11] Disponível em: <<http://qualis.capes.gov.br/webqualis/principal.seam>>. Acesso em: 7 abr. 2013.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE NETO, Mariano Lopes de *et alli*. A produção científica de design de moda no Brasil: um estudo bibliométrico. *DAMT: Design, Arte, Moda e Tecnologia*, São Paulo: Rosari/UAM/PUC-Rio/UNESP-Bauru, 2012. Disponível em: <<http://sitios.anhemb.br/damt/arquivos/1.pdf>>. Acesso em: 7 abr. 2013.

BONADIO, Maria Claudia. A produção acadêmica sobre moda na pós-graduação stricto sensu no Brasil. *Iara: Revista de Moda, Cultura e Arte*, São Paulo: Senac, v. 3, n. 3, p. 50-146, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Sydney Fernandes de. Ensino e pesquisa em design: ranços e avanços. In: LIMA, Guilherme da Cunha (Org.). *Textos selecionados de design 1*. Rio de Janeiro: UERJ/PPDESDI, 2006, p. 127-143.

_____. *A influência de tradições acrílicas no processo de estruturação do ensino/pesquisa de design*. Rio de Janeiro, 1999. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GREINER, Christine. Prefácio. In: VIEIRA, Jorge de Albuquerque. *Teoria do conhecimento e arte: formas de conhecimento: arte e ciência, uma visão a partir da complexidade*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006, p. 13-16.

LÖBACH, Bernd. *Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais*. São Paulo: Blücher, 2001.

MARGOLIN, Victor. *Building a design research community*. 2000. Disponível em: <<http://tiger.uic.edu/~victor/articles/designcommunity.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2013.

MOURA, Mônica. Pesquisa em design: olhares e descobertas, criação e invenção. In: COELHO, Luiz Antonio Luzio; WESTIN, Denise (Org.). *Estudo e prática em metodologia em design nos cursos de pós-graduação*. Teresópolis: Novas Ideias, 2011, p. 56-71.